



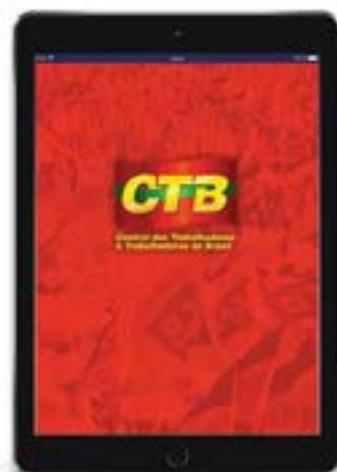
REVISTA DA CENTRAL DOS TRABALHADORES  
E TRABALHADORAS DO BRASIL

Ano 3 - Nº 02 | Outubro de 2016

# OS CEM ANOS DO SAMBA

# CTB.ORG.BR

## INFORMAÇÃO COM CONTEÚDO DE CLASSE



Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil

# POVOS AFRODESCENDENTES: reconhecimento, justiça e desenvolvimento

**Na esteira da campanha de valorização dos afrodescendentes empenhada pela ONU, segue o re-crudescimento da política de extermínio da juventude negra**

As últimas décadas foram marcadas pelo imenso esforço dos movimentos sociais e de luta antirracismo para denunciar e contrapor as formas de racismo, machismo, preconceitos e toda forma de intolerâncias correlatas. Denunciamos essas ideias em seus usos de ingredientes como a cultura da "superioridade" e da subordinação, e saímos em defesa de uma nova conformação social que superasse essa estratificação.

Entendemos as múltiplas faces do racismo, e as contribuições da II e III Internacional sobre a importância da luta antirracismo, e a sua imbricação na luta de classes. No pós-II Guerra Mundial, um novo signo surgia em todos os continentes contra o avanço do imperialismo e pela superação do colonialismo no mundo, contando com a grande influência do bloco socialista.

A partir das décadas de 1950 e 60, a materialidade dessas conformações políticas e ideológicas se encheram de consciência de classe. O embricamento da luta de classe com a antirracista se consolidou, tendo como pauta a emancipação humana e de classe e a igualdade. Junto deste movimento, surgiram lideranças como Nelson Mandela na África do Sul, Ângela Davis, Martin Luther King e Malcolm X, nos EUA. Aqui tínhamos Abdias Nascimento, Lélia Gonzales, e Clóvis Moura.

A historiografia negra é marcada pelo direito à liberdade e à vida. Por este motivo, o início da década Internacional de Afrodescendentes não nos representa: o tema "Povos Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento" não condiz com a realidade.

A realidade da população negra mundial, e em especial nestes países onde há confronto contra a igualdade de oportunidade e condições, é a do racismo institucional. Este elemento ideológico ceifa vidas de mulheres, homens, jovens e crianças. No continente americano, o genocídio da juventude negra percorre de norte a sul.



MÔNICA CUSTÓDIO

É com a bandeira em punho, na defesa da democracia, soberania, do respeito, e da liberdade de expressão das Tradições de Matrizes Africanas, que avançamos nos projetos de unidade e ação política. Atuamos através dos partidos políticos e dos movimentos sindicais, sociais e frentes para defendermos a vida e a igualdade. Nos mobilizamos em momentos singulares, como a Marcha dos 100 anos da Abolição (1988), os 300 anos de Imortalidade de Zumbi, o movimento Pela Vida! (1995), o Brasil Outros 500 (2000), a Marcha Nacional das Mulheres Negras Contra a Violência e o Pelo Bem Viver (2015). Porque a vida de nossa juventude negra importa.

Assim, o movimento negro brasileiro evolui, com capilaridade e sabedoria, compreendendo a complexidade da luta em si, e para si, e ampliando sua musculatura política no enfrentamento com os nossos inimigos de classe.

Vida longa à Convergência, viva a luta antirracismo, viva a quilombagem!!!

*Mônica Custódio*

Mônica Custódio, secretária de Políticas de Promoção de Igualdade Racial da CTB



### CAPA

Os 100 Anos do Samba

Páginas 16 a 20

### CIDADANIA

A nova Lei de Migração pode ser o início de uma era para quem escolheu viver no Brasil

Páginas 24 a 26

### HISTÓRIA

Os Panteras Negras e o socialismo na terra de Martin Luther King

Página 27

### INDÚSTRIA

Com o cerco à Petrobras, a indústria naval sofre

Páginas 28 e 29

### CRÔNICA

Flávio Renegado: "O Hip Hop me ajudou a sobreviver"

Página 30

## ÍNDICE

### EDITORIAL

Povos afrodescendentes: reconhecimento e justiça

Página 3

### EVENTOS

O 5º Congresso da Unegro serviu de ponto de encontro para reivindicações sociais e denúncia ao golpe

Páginas 6 e 7

### MUNDO DO TRABALHO

As diferenças salariais revelam até hoje o racismo estrutural; para os empregados domésticos, é ainda pior

Páginas 8 e 9

### BRASIL

A despedida da guerreira Luiza Bairros

Página 10

### POLÍTICAS AFIRMATIVAS

Como uma secretaria mudou a cara de São Paulo

Páginas 12 e 13

### HISTÓRIA

O racismo interpretado à luz do marxismo

Página 14

### BRASIL

As Olimpíadas se tornaram o pesadelo da periferia

Página 15

### CULTURA

Sugestões de obras com a cara da mulher negra

Páginas 22 e 23



## EXPEDIENTE

Rebele-se é uma publicação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial da CTB – Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil.  
 Secretária de Promoção da Igualdade Racial: **Mônica Custódio**  
 Secretária de Imprensa e Comunicação: **Raimunda Gomes**  
 Projeto Gráfico: **Carlinio França e Danilo Ribeiro**  
 Designer Gráfico: **Danilo Ribeiro**  
 Jornalista Responsável: **Renato Bazan**  
 Gráfica: **Bangraf** | Tiragem: **10 Mil**



---

**DIREÇÃO EXECUTIVA**  
 Presidente: **Adilson Araújo**

**DIRETORIA**  
 Nivaldo Santana, Maria Lúcia Moura, Joílson Cardoso, Severino Almeida, Vicente Selistre, Wagner Gomes, Kátia Gaivotto, Vilson Luiz da Silva, Gilda Almeida, Celina Arêas, Carlos Rogério Nunes, Francisco Chagas (Licenciado), Pascoal Carneiro, Divanilton Pereira, José Adilson Pereira, Raimunda Gomes, Ivânia Pereira, Vitor Espinoza, Mônica Custódio, Antoninho Rovaris, Claudemir Nonato Santos, Márcia Machado, Sérgio de Miranda, João Paulo Ribeiro e José Gonçalves.

---

Av. Liberdade, 113, 4º andar, Liberdade - São Paulo-SP | CEP: 01503-000  
 Tel.: (11) 3106.0700 | [www.portalctb.org.br](http://www.portalctb.org.br)



# RESISTIR AO GOLPE, lutar contra o retrocesso

No momento em que o mundo celebra a Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024) e a comunidade internacional reconhece que os direitos dos povos afrodescendentes precisam ser promovidos e protegidos, o Brasil vê conquistas serem arrancadas de forma brutal pelo governo sem voto do senhor Michel Temer.

Desde que assumiu, de assalto, o Palácio do Planalto, Temer macula sem pudor conquistas sociais que tiveram como propósito corrigir erros históricos. Ao fechar os ministérios da Promoção da Igualdade Racial, de Políticas para as Mulheres e a Juventude, esta gestão mostrou que veio para impor um retrocesso inaceitável para os movimentos sociais, extinguindo instrumentos de políticas que remodelaram o horizonte social.

A história comprova que, ao longo de nossa formação, nosso sistema social, capitalista, construiu as bases perversas que dão sustentação, ainda hoje, ao preconceito, à violência e à desigualdade. E mais, ao longo do século XX, período de importantes transformações sociais – como a modernização industrial e a urbanização -, as classes dominantes sempre foram hostis a políticas de combate às desigualdades, em especial as desigualdades étnico-raciais.

O projeto político inaugurado em 2003 e liderado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, procurou enfrentar esses e outros amargos problemas legados pela história de nossa formação social. A iniciativa, que foi continuada pela presidenta Dilma Rousseff, propunha uma mudança real do cenário de dramática desigualdade e injustiça, com a superação da fome, o combate ao preconceito, o fim da violência e o acesso aos direitos negados aos mais pobres.

A mudança é demonstrada pelas estatísticas. A Síntese de Indicadores Sociais, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em dezembro de 2015, mostrou que nas universidades o número de negros saltou de 16,7%, em 2004, para 45,5%, em 2015. A última década viu crescer também o acesso dos setores mais pobres da população à universidade pública.

Nesse mesmo período, fruto de políticas como o



ADILSON ARAÚJO

Prouni e Fies, aumentou a parcela da população com acesso à universidade particular, de 0,6% em 2004 para 3,4% em 2014. O IBGE destacou que tanto as cotas como os programas de financiamento estudantil criaram uma “tendência de democratização no acesso ao ensino superior no Brasil. Um movimento inédito”.

Esse legado hoje corre perigo. O pacote de maldades proposto pelo presidente conspirador do Brasil veta qualquer ação que mantenha a continuidade destas políticas, pois mantê-las significa transformar nosso horizonte de desigualdade em um horizonte de inclusão e avanço social. Temos de resistir, é imperativo lutar contra o retrocesso, vamos redobrar os esforços de conscientização e mobilização das bases em defesa da democracia, dos direitos sociais e da soberania nacional.

Adilson Araújo é o presidente nacional da CTB

# No 5º Congresso da Unegro, a denúncia do racismo e do golpe

Por Ângela Guimarães, cientista social e Presidenta Nacional da Unegro

**Há consenso de que o golpe em curso representa um duro retrocesso às recentes conquistas da população negra e um gigante obstáculo ao enfrentamento do racismo estrutural e institucional no país**

No último mês de junho, na cidade de São Luís, Maranhão, um dos berços da cultura negra no país, a União de Negros Pela Igualdade (Unegro) realizou o seu 5º Congresso Nacional. Contando com cerca de mil participantes oriundos de quase todos os estados da federação brasileira, o Congresso teve como lema "Negras e negros no poder e em defesa da vida" e fez uma reflexão sobre a atual conjuntura nacional. Há consenso de que o golpe em curso representa um duro retrocesso às recentes conquistas da população negra e um gigante obstáculo ao enfrentamento do racismo estrutural e institucional no país. Sabemos que este golpe é também parte de uma estratégia do imperialismo de retomar sua influência na região da América Latina. Os mais prejudicados acabam sendo os traba-



lhadores/as e a população negra e indígena.

Nesta ocasião, a Unegro conseguiu reunir as principais entidades representativas do movimento negro nacional, articuladas em torno da recém-criada Convergência Negra, contra o racismo. Refirmamos nosso compromisso em atuar por meio de frentes amplas, com o conjunto dos movimentos sociais, para o enfrentamento à onda conservadora e à ascensão de pautas regressivas aos direitos das mulheres, da juventude, dos trabalhadores/as e da população negra. Avaliamos como de central importância a mobilização massiva da população negra na denúncia do golpe. Temos como foco a articulação com setores da juventude negra universitária, moradoras/es das periferias, mulheres negras, participantes das marchas do orgulho/empoderamento cresp e movimentos culturais.

Avaliamos o crescimento e ampliação do protagonismo da entidade nos últimos cinco anos para apontar criticamente os desafios futuros. Mesmo a jovem democracia que se erguia com dificuldades no Brasil e o então projeto de desenvolvimento nacional nascente ainda apresentavam dificuldades de incorporar parcelas da população negra no seu interior. Problemas



históricos como o genocídio de jovens negras e negros, a crescente violência contra as mulheres negras e a histórica sub-representação da população negra nos espaços de poder seguíam e seguem como obstáculos concretos. A persistente combinação das desigualdades de classe com o racismo, o machismo e a LGBTfobia tem sido eficaz em erguer entraves que dificultam a efetivação da plena cidadania à população negra.

Com o golpe, esta situação piora e põe em alerta todas as entidades do movimento negro. Propostas nefastas como o fim da Previdência Social, o aumento da idade para aposentadoria para homens e mulheres para 70 anos, a redução da maioria penal, o congelamento dos investimentos em saúde e educação, os cortes no Bolsa Família e no Minha Casa Minha Vida, o projeto "Escola Sem Partido", o PL 5069 e o fechamento das embaixadas em países africanos são algumas das aberrações do governo golpista e interino.

Abriremos diálogo com as forças progressistas nas

idades, pautando uma agenda que combata o fundamentalismo e o conservadorismo que têm se expandido pelas casas legislativas do país. Daremos nossa força àqueles que seguem no rumo da construção de cidades justas e humanas, com liberdade e igualdade de oportunidades para todo o povo. A Unegro conta com vários de seus membros nas Câmaras e Prefeituras e vai apostar no empoderamento da população negra nos espaços de poder com bastante ênfase.

Cabe destaque ao fato histórico da Unegro ter eleito – de forma inédita – uma jovem negra à sua presidência nacional e ampliado o protagonismo das mulheres em sua direção. Atualmente, já contamos com mulheres à frente da entidade em doze estados brasileiros.

Assim, seguimos tendo à frente um coletivo combativo e consciente dos desafios do presente, mirando um futuro de verdadeira igualdade e real democracia, num outro sistema social que precisa ser conquistado por toda a população! Avante, Unegro!





# O racismo estrutural nos números do contra-cheque

Ruth de Souza

**Mesmo com os avanços entre 2003 e 2015, país ainda tem uma das maiores disparidades raciais no mercado de trabalho**

Apesar dos avanços obtidos nos últimos anos, o abismo salarial entre brancos e negros no Brasil ainda é grande. Segundo dados divulgados este ano pelo IBGE, a diferença salarial entre brancos e negros caiu em 2015. Ainda assim, trabalhadores negros ganharam, em média, 59,2% do rendimento dos brancos no ano passado.

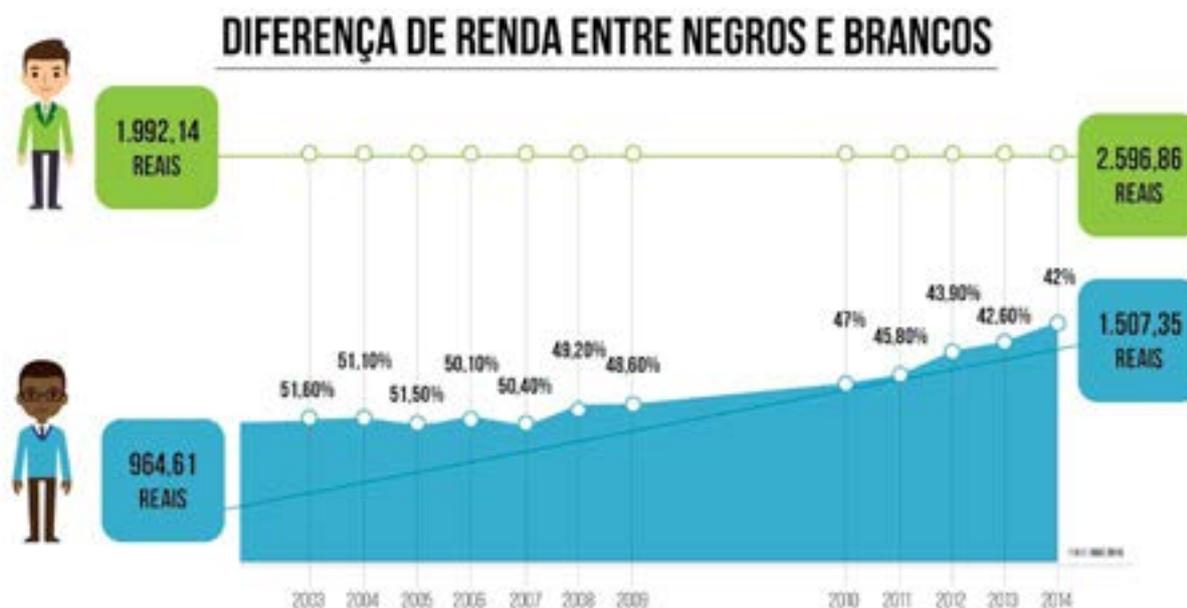
Em 2003, negros não ganhavam nem metade do salário dos brancos. O percentual era de 48,4%.

Numa outra pesquisa do Ministério do Trabalho, a média de salário entre negros formados é de R\$ 3.777,39, contra R\$ 5.589,25 de brancos com o mesmo nível de escolaridade - quantia 47% maior. Segundo o estudo, até negros com formação especializada têm dificuldades para conseguir um salário justo.

Para a secretária de Igualdade Racial da CTB, Mônica Custódio, "mais tempo de escolaridade não significou um

salário maior. O maior acesso de negros à universidade, por meio das cotas, não evitou o abismo econômico que ainda persiste". Mônica avaliou que "houve investimentos consideráveis do governo petista nas políticas para a classe, mas a desigualdade é também um problema estrutural, histórico que se perpetua. "É um extrato da história, resquício da escravidão, de uma forma de pensar da estrutura organizacional, econômica e social".

Para ela, o atual momento de crise político-econômica aprofundou o ódio racial e de gênero. Com o aumento do desemprego, evidenciam-se as questões históricas de marginalização da população afrodescendente. "Essa hierarquização de gênero e raça que acontece no mercado de trabalho rebaixa a condição de vida e a perspectiva de inclusão socioeconômica dessas pessoas", analisou. A sindicalista vê as medidas tomadas por Temer - entre elas a extinção de pastas sociais - como grave ameaça aos direitos dos trabalhadores e das minorias. "Nesse momento, em que se retoma a campanha pela flexibilização e perda dos direitos, o prejuízo se torna maior para os negros, por sua vulnerabilidade no mercado de trabalho".



# O VALOR DA TRABALHADORA DOMÉSTICA

Lucileide M. Reis



Entre as enormes desigualdades que se manifestam entre negros e brancos e homens e mulheres, destaca-se a situação a que mulheres negras estão submetidas. Elas possuem os piores indicadores em praticamente todas as áreas analisadas. Como mostram a última Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio do IBGE (PNAD 2013), 21% das mulheres negras são empregadas domésticas e apenas 23% delas têm Carteira de Trabalho assinada – um contraste diante dos 12,5% de mulheres brancas com a mesma profissão, 30% registradas.

A herança escravocrata se manifesta hoje nas condições das cozinheiras, governantas, lavadeiras, babás, especialmente quando o corpo é negro. Em todas as regiões do país, a mulher negra é a que tem a menor remuneração. Enquanto uma diarista negra recebe R\$ 6,25 pela hora trabalhada, a não negra ganha R\$ 8,75.

Os indicadores retratam a agressividade do racismo: além de terem os piores salários, as condições de trabalho são as mais precárias. Em 2015, estimava-se que 6,6 milhões de pessoas estavam ocupadas no serviço doméstico. Entre 2004 e 2011, a proporção de mulheres negras no setor cresceu de 56,9% para 61,0%.

O contingente elevado no trabalho doméstico é consequência da histórica associação entre este tipo de atividade e a escravidão, em que tal função era majoritariamente delegada a elas. Atualmente, ainda existem resquícios dessas relações escravagistas no emprego doméstico, havendo, com frequência, preconceito e desrespeito aos direitos humanos e aos direitos fundamentais no trabalho. As relações de trabalho são marcadas por relações interpessoais e familiares, descharacterizando o caráter profissional.

Felizmente, ao mesmo tempo em que houve cres-

cimento da participação de mulheres mais velhas no emprego doméstico, a redução da proporção de jovens ocupadas na atividade indica que as mulheres jovens têm buscado outras formas de inserção. Segundo o DIEESE, em 2004 o índice de empregadas domésticas negras entre 10 e 17 anos era de 7%, contra 4,9% de não negras. Em 2011, esses números reduziram-se para 4,3% e 3,4%. A faixa etária predominante passou a ser de mulheres entre 40 e 49 anos (28,5%). Essa mudança de perfil pode ser explicada pelo aumento do nível de escolaridade das jovens, que possibilita a busca por ocupações mais valorizadas socialmente.



# O BRASIL PERDE UMA DE SUAS MAIS IMPORTANTES GUERREIRAS

Marcos Aurélio Ruy

**A morte da ex-ministra deixa grande tristeza entre os movimentos sociais, mas também grandes lições de vida**

A manhã do dia 12 de julho entrou para a história como o dia em que o Brasil perdeu Luiza Bairos, uma "importante guerreira da causa da igualdade racial e de gênero" segundo a secretária de Promoção da Igualdade Racial da CTB, Mônica Custódio. A ex-ministra de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, cujo ministério entre 2011 e 2014 deixou grande legado, morreu aos 63 anos, vítima de câncer no pulmão do qual se tratava havia meses.

"Foi um dia de tristeza por uma irreparável perda. Mas, também de reverência a uma longa e brilhante trajetória de luta por toda a população negra, especialmente pelas mulheres negras brasileiras", disse Ângela Guimarães, presidenta da União de Negros pela Igualdade (Unegro). "Que o Orun a receba, na certeza que junto com Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e outras guerreiras, continuará a nos inspirar a não retroceder nunca", afirmou.

"As políticas e ideias defendidas por ela na campanha pelo bem viver, com valorização da mulher negra enquanto protagonista de sua própria história, foram fundamentais", disse Custódio. "Ela deu voz àquelas que trabalham como domésticas e muitas vezes não viam suas reivindicações colocadas pelas bandeiras feministas", ressaltou.

A presidenta eleita, Dilma Rousseff, escreveu: "Luiza foi uma incansável militante da causa negra e da democracia brasileira. Sua obra permanece viva e continua sendo um símbolo da luta contra o preconceito".

## Trajatória

Bairos nasceu em Porto Alegre e se graduou em Administração pela UFRS. Concluiu mestrado em Ciências Sociais pela UFBA. Seu doutorado ocorreu na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

Foi importante militante do Movimento Negro Unificado. Trabalhou na ONU em 2001 e em 2005. Foi secretária da Igualdade Racial da Bahia em governos do PT e ministra da Igualdade Racial de 2011 a 2014.



## Depoimentos

"A ministra foi uma das grandes personalidades brasileiras da luta nas áreas de raça e gênero. Um dos legados que deixou foi o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial, que desempenha um papel central na formulação de propostas para a população negra."

**Izane Mathos, secretária de Políticas Sociais da CTB/RS**

"Luiza sempre foi uma lutadora incansável, ela expôs o racismo inerente à sociedade brasileira e foi uma das vozes contra o mito da democracia racial, que paralisava avanços e contribuía com a exclusão."

**Claudia Vitalino, da UNEGRO**

"Uma homenagem à história desta honrada militante e gestora. A mulher negra Luiza Helena Bairos fortaleceu as possibilidades de conquistas, e nos ajudou a construir uma bandeira com mais equidade de gêneros."

**Nestor Dória, dirigente do Sindicato dos Correios de São Paulo**

"Um dos legados de Luiza Bairos para o movimento foi seu posicionamento sobre os novos campos de batalha na luta contra o racismo. Ela foi essencial para levantar a bandeira pelas políticas de visibilidade das mulheres negras."

**Everaldo Vieira, do Sindicato dos Metalúrgicos de Camaçari**



# SINDIMETAL-RIO

SINDICATO DOS METALURGICOS DO RIO DE JANEIRO  
FUNDADO EM 1º DE MAIO DE 1917

SECRETARIA DE COMBATE AO RACISMO DO SINDIMETAL-RIO  
E COORDENAÇÃO DE COMBATE AO RACISMO DA FITMETAL



## RUMO AOS



# SINDIMETAL-RIO

SINDICATO DE LUTA E PARTICIPATIVO

[WWW.METALURGICOSRJ.ORG.BR](http://WWW.METALURGICOSRJ.ORG.BR)

[FACEBOOK.COM/SINDIMETALRIO](https://FACEBOOK.COM/SINDIMETALRIO)





## TRÊS ANOS DEPOIS, O QUE MUDOU COM A SMPIR DE SÃO PAULO

Renato Bazan

A vitória eleitoral de João Doria Jr. para a prefeitura de São Paulo, representando o projeto privatista da elite, colocou para a população negra uma promessa amarga: a do encerramento da Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial (SMPIR). O novo mandatário garantiu que a SMPIR não sobreviverá a 2017.

Diante disso, convém analisar a importância da secretaria para a luta por equidade na região. A decisão de inaugurar um espaço não foi gratuita, mas resposta à insuficiência da Coordenadoria de Assuntos para a População Negra (CONE) em gestões anteriores. “Seria impossível imaginar que os progressos recentes que tivemos nas lutas do movimento negro seriam possíveis sem uma secretaria própria”, analisou o secretário municipal da pasta, Maurício Pestana. “Nós fizemos mais em um ano aqui do que eles conseguiram por lá em dez, e muito por conta da autonomia executiva e do orçamento próprio que traz uma secretaria”.

Para o secretário, a promessa de Doria - de que as funções da SMPIR permanecerão intactas dentro de outros órgãos - é simplesmente impraticável. Mas o que foi feito, afinal, que justifica uma oposição tão declarada a ela?

### Diferenciação estratégica

Em 27 de maio de 2013, a Prefeitura de São Paulo deu um passo histórico ao criar sua própria secretaria, nos moldes da SEPPIR do governo Lula. Ao tomar para si a tarefa de formular, coordenar e articular políticas na área, a SMPIR tornou-se peça central na integração cultural e econômica do município. O secretário Pestana falou à *Rebele-se* sobre a necessidade de uma equipe especial para tratar do tema: “Se você pegar o histórico de intervenção e debate da questão racial no Brasil no século XX, houve uma luta muito grande pela inserção do negro em todos os aspectos, mas vendeu-se a ideia de que o negro resolveria o problema dele só com a educação. Isso não é suficiente. Combater as desigualdades e o racismo exige o alargamento dos processos democráticos”.

Foi com essa atitude que a cidade instituiu seu regime de cotas para servidores públicos: desde março de 2014, ao menos 20% dos cargos são dedicados aos afrodescendentes, dos estagiários aos secretários municipais. “Essa é a verdadeira mudança: quando o negro deixa de ser simplesmente auxiliado pela legislação e passa a fazer parte de seu processo de formação, das decisões do poder”, exclamou o secretário.

**Mudando corações e mentes**

O estabelecimento da chamada “Meta 58” criou poderes extras para que a SMPPIR pudesse implementar as Leis Federais 10.639/03 e 11.645/08, que incluem no currículo escolar das escolas o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. A medida culminou na formação de mais de 30 mil professores em História da África e em um fórum de educação para práticas pedagógicas ligadas ao tema.

Na área da cultura, a SMPPIR permitiu a agregação de mais de uma centena de entidades de cultura negra ao diálogo com o poder público. As reuniões com esses artistas viabilizaram não apenas grandes celebrações negras (em especial o 20 de Novembro, que reuniu mais de 50 mil pessoas), mas o fomento de uma indústria cultural dedicada, que vem se fortalecendo.

**“O cerne da questão”**

As ações socioculturais, no entanto, não resolvem “o cerne da questão”, como apontou o atual prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. “É uma questão dupla, que precisa ser combatida simultaneamente no campo simbólico imaterial e no campo econômico”, explicou durante o primeiro Fórum de Desenvolvimento Econômico Inclusivo, sediado em 2015. Pestana compartilha da visão de Haddad. “Entraram mais negros neste século nas universidades do que em toda a história da Brasil, mas o que aconteceu? Você tem hoje um contingente muito grande de negros preparados, mas que não se inserem no mercado de trabalho”, analisou. A secretaria tem oferecido ferramentas modestas para a inversão desse quadro, em especial na edição de editais.

“É uma questão de relações sociais, no fundo. Quan-



A criação da SMPPIR permitiu um contato direto com a classe artística negra, ampliando a visibilidade de suas manifestações e o acesso ao fomento público

A secretaria foi também a primeira a olhar com a atenção necessária para as religiões de matriz africana, ao formalizar o Fórum de Liberdade de Crença e Cultura de Paz (COMPASP) e o Fórum das Religiões de Matriz Africana (FOMAF) como instituições formais do poder público. Os dois espaços de debate terão peso político na proteção da cultura religiosa local, reconhecendo a história local religiões e os patrimônios históricos e imateriais de suas práticas.

to mais o negro for inserido no mercado, na política, quanto mais tiver condições financeiras, melhor ele vai preparar os filhos, e eles vão reivindicar mais. A discriminação vai continuar, mas isso muda o status quo. É isso que importa”, concluiu Pestana, exaltado.

Talvez não seja coincidência que, eleito, Doria deixe claro sua indisposição pelos espaços de prioridade para os negros. Fazê-los acreditar que não têm espaço no poder público é o primeiro passo do silecionamento.

# MARXISMO, luta de classes e o racismo



Em 1870 Marx iria estabelecer os parâmetros da política socialista em relação à questão colonial e racial. Escreveu ele: "Cada centro industrial e comercial na Inglaterra possui uma classe trabalhadora dividida em dois campos hostis, proletários ingleses e proletários irlandeses. O trabalhador inglês comum odeia o trabalhador irlandês como um competidor que rebaixa seu padrão de vida. Em relação ao trabalhador irlandês ele se sente um membro da nação dominante e, assim torna-se num instrumento dos aristocratas e capitalistas de seu país contra a Irlanda, fortalecendo a sua dominação sobre ele próprio (...). A sua atitude é muito parecida com a dos brancos pobres em relação aos negros nos antigos estados escravistas dos Estados Unidos. O irlandês lhe paga com juros na mesma moeda. Ele vê no trabalhador inglês ao mesmo tempo o cúmplice e o instrumento estúpido do domínio inglês na Irlanda. Este antagonismo é mantido vivo artificialmente, e é intensificado pela imprensa, o púlpito, os jornais cômicos, em resumo por todos os meios à disposição das classes dominantes. Este antagonismo é o segredo da impotência da classe trabalhadora inglesa, apesar de toda sua organização. É o segredo pelo qual a classe capitalista mantém seu poder". Aqui se destaca três coisas



AUGUSTO BUONICORE

fundamentais: primeiro, que o capitalismo promove a concorrência entre os trabalhadores; segundo, que a classe dominante utiliza o racismo para jogar os trabalhadores uns contra os outros; e, finalmente, que, quando um grupo de trabalhadores sofre algum tipo de opressão, ela afeta negativamente toda a classe. Os brancos, apenas aparentemente, se beneficiam da inferioridade social do negro. É uma compensação subjetiva, ilusória, de fazer parte da raça dominante. É essa concepção crítica e socialista que permitiria a construção de uma política anticolonialista, anti-imperialista e antirracista nos séculos seguintes.

\* Trecho de artigo do historiador Augusto Buonicore, publicado no Portal da Fundação Maurício Grabois



# Pesadelo Olímpico

José Roberto Medeiros

A conquista dos Jogos Olímpicos para o Rio de Janeiro foi uma grande vitória da soberania nacional. No entanto, para além da crise econômica e política que vivemos no País, hoje, os jogos não representam uma grande vitória para o povo trabalhador: um estado quebrado, saúde sucateada, calamidade decretada, remoções e violência marcam esse processo transformando o sonho olímpico num verdadeiro pesadelo social.

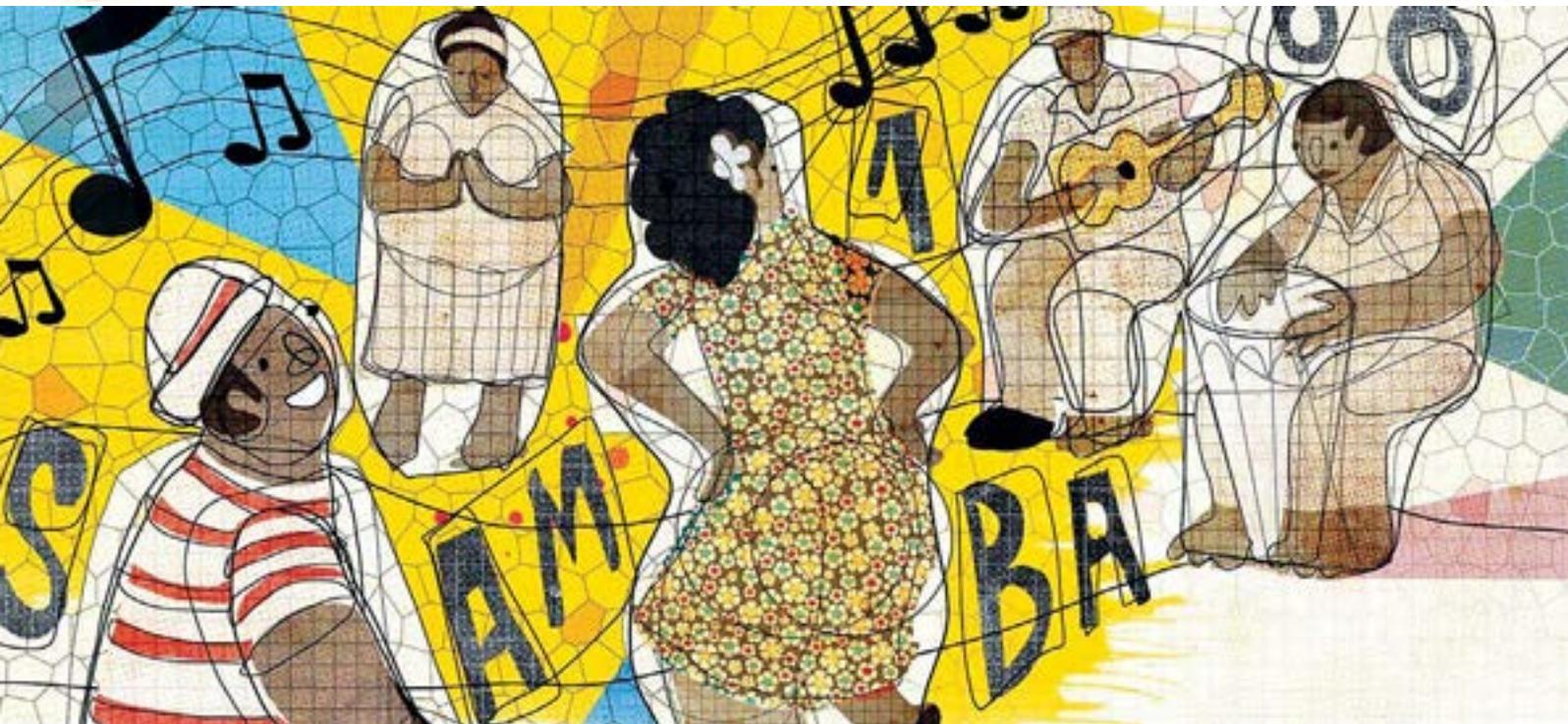
As obras olímpicas foram abundantemente usadas para justificar a remoção das comunidades pobres que circulam os locais dos jogos. Um dos exemplos é o caso da Vila União de Curicica (zona oeste), cujos moradores foram informados da remoção de 700 casas para construção da linha de BRT Transolímpica. O caso mais emblemático de resistência ao processo de remoção olímpico, no entanto, é da Vila Autódromo, comunidade próxima ao parque olímpico que tenta resistir ao processo de remoção promovido pela realização dos jogos, mesmo sofrendo inúmeras pressões da Prefeitura.

As olimpíadas trouxeram para o Rio de Janeiro um processo que atingiu a população mais pobre, sem di-

álogo do poder público. Trata-se do período histórico com o maior número absoluto de remoções na cidade, ultrapassando os governos de Carlos Lacerda (1961-1965; 30.000 remoções) e de Pereira Passos (1902-1906; 20.000 remoções), que sempre foram os principais representantes dessa política. Hoje, no segundo mandato do prefeito Eduardo Paes (PMDB), a cifra de pessoas removidas ultrapassa os 70.000.

Para além disso, nosso País vive sob a égide de um governo golpista, cujo não-reconhecimento internacional refletiu-se na ausência de inúmeros chefes de Estado na abertura dos jogos. As obras, mal fiscalizadas e que contaram com um vultuoso capital público, mostram-se inacabadas e problemáticas.

Sonho do povo carioca e brasileiro como um possível divisor de águas, os Jogos Olímpicos acabam por refletir exatamente o momento que vivemos no país: um momento que falta legitimidade aos governantes, que faltam perspectivas para o povo trabalhador e que deixa obscuro o nosso futuro. O sonho olímpico tornou-se pesadelo carioca e brasileiro.



# O SAMBA *completa* 100 anos *cantando a alma do BRASIL*

Marcos Aurélio Ruy

Através da história brasileira, a criação e a popularização do samba se confundem com a própria história de nosso povo

## A origem da palavra samba

A palavra "samba" é de origem africana. Seu primeiro registro no Brasil remonta ao ano de 1838, na revista "O Carapuzeiro", de Pernambuco. No entanto, ainda não existe um consenso entre os historiadores sobre suas possíveis origens. Segundo o pesquisador Nei Lopes, seria da etnia quíoco, na qual samba significa brincar, divertir-se como cabrito. Há quem diga que vem do quimbundo "semba", com o significado de "umbigo" ou "oração". Para os povos bantos, a música era um elemento religioso e a umbigada se referia a danças sagradas, uma espécie de ritual de fertilidade e conexão com as forças do universo.

Neste ano, comemora-se o centenário do gênero musical com maior prestígio em todo o território nacional: o samba. É consenso entre os historiadores de que este ritmo genuinamente brasileiro nasceu com os escravos e se firmou no início do século 20, no Rio de Janeiro, então capital federal, para onde migraram milhares de negros após a Abolição.

Para o pesquisador de cultura popular Roque de Souza, a criação do samba passa pela necessidade que os negros brasileiros sentiram de "que era a hora de se soltar, de mostrar sua alegria". "Mesmo perseguidos pela polícia e atingidos em cheio pelo preconceito de uma elite voltada para a Europa, os ex-escravos criaram sua própria cultura, que é a força motriz de nossa cultura popular, para resistir à opressão. Após a Abolição, o que era feito pelo Senhor de escravos passou para as mãos do braço armado do Estado", complementa.

A casa mais famosa, onde se reuniam grandes nomes no nosso cancionário popular, foi a casa de Tia Ciata. Por lá apareciam para mostrar seus trabalhos

nomes como Alfredo da Rocha Vianna Filho (Pixinguinha), Ernesto Joaquim Maria dos Santos (Donga), João da Baiana, João Barbosa da Silva (Sinhô) e Heitor dos Prazeres, entre outros bambas da música popular brasileira. Foi na casa dela que nasceu o primeiro samba registrado, sob a autoria de Donga e Mauro de Almeida, na Biblioteca Nacional, em 6 de novembro de 1916. Na mesma ocasião, registrou-se o próprio termo “samba”. Em disco, o samba só apareceria no ano seguinte, na gravação de “Pelo Telefone”, pelo cantor Baiano.

**A vida do negro, musicada**

O samba nasceu entre meados do século XIX e início do século XX. Entoadado pelos negros em rodas de samba e casas de tias, o gênero foi perseguido e ainda hoje é preterido por setores elitistas da sociedade. “Os escravos não podiam ter instrumentos para realizar seus batuques, então começaram a utilizar os pés e as mãos – enfim, o corpo todo – para cantar suas dores e

alegrias. Cantando e dançando, assim nasceu o samba de roda na Bahia, ainda no século XIX”, diz Souza. Ele explica que a arte adquiriu um caráter descritivo da vivência desses pioneiros. Diversos compositores cantavam o sofrimento dos negros libertos e marginalizados no processo de Abolição no início do século 20. “Até ‘Pelo Telefone’ falava da intimidade entre a polícia e os cassinos ilegais no país”, conta.

“Como tudo o que está relacionado à população negra e à nossa cultura, o samba foi muito perseguido e discriminado ao longo de sua história”, explica a cantora e compositora Leci Brandão. “O mesmo aconteceu com o candomblé, com a capoeira e com todas as manifestações de origem negra em nosso país. Apesar de ter havido mudanças, a discriminação contra o nosso povo continua e com a nossa cultura também”.

De acordo com Leci, “o samba, para ser aceito, teve que passar por um longo processo. Muitas vezes se

Hudson Pontes - RioTur



O Carnaval detém o título de “maior festa popular do mundo”; o Cordão da Bola Preta, no Rio, leva todos os anos milhões de pessoas às ruas



A união da cultura do samba com o carnaval de rua do Rio de Janeiro deu origem ao desfile das escolas de samba, que imprimiram uma nova marca na tradição

moldou para cair no gosto das grandes gravadoras e do grande público. Mas o samba das comunidades, por exemplo, está fora da mídia". Ela ressalta ainda que, "no Brasil, onde a mulher negra é o segmento mais discriminado da população, quando uma mulher negra resolve ser cantora ela enfrenta muitos desafios a mais. Nós vivemos em uma sociedade dominada não só pelo racismo, mas pelo machismo também, no samba não é diferente".

### **Carnaval dá samba**

A popularidade do gênero ganhou as ruas em 1928, com um casamento inédito e duradouro: a união com o carnaval de rua, que tornaria o samba ainda mais popular. Nasceu ali a primeira escola de samba do país, a Deixa Falar, criada pelo grande sambista Ismael Silva. As escolas de samba foram ganhando terreno e os desfiles carnavalescos transformados em verdadeiras "óperas" a céu aberto. Os desfiles monumentais se destacam com a entrada em cena do carnavalesco Joãozinho Trinta, nos anos 1970, com grandiosos carros alegóricos e a introdução de celebridades nos desfiles.

**"O samba nasceu a partir da cultura do povo negro que veio para cá escravizado. Após a Abolição, esse povo foi viver nas periferias pobres das nossas cidades. Ou seja, o samba falava da realidade e do cotidiano do povo que fazia o samba"**

Roque de Souza, pesquisador de cultura popular brasileira

“Virou uma verdadeira indústria, que atrai milhões de turistas todos os anos”, diz Souza. “Mas isso deveria ser pensado o ano inteiro, com as escolas fazendo investimentos em formação, fortalecendo a cultura, com cursos sobre como fazer um enredo, por exemplo”, reforça. “É muito importante para o país criar cultura através da música, e o carnaval pode servir bem para essa importante missão”.

**Música e identidade**

Com a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, veio a necessidade de criação de uma identidade nacional. Num tempo em que não havia televisão e muito menos internet, o veículo de maior penetração era o rádio. “A força desse novo veículo e a popularidade do samba fizeram com que Getúlio utilizasse ambos de forma muito eficaz”, diz Souza.

Nas décadas de 1930 e 1940, surgiram grandes no-

principalmente nas lindas composições de Noel Rosa. “Ele era um estudante de medicina branco que subiu o morro e bebeu na matriz da fonte dos negros. Tornou-se, apesar de ter vivido apenas 26 anos, um dos maiores nomes do nosso cancioneiro popular”, conta Souza.

Ele explica também que Ary Barroso foi nome fundamental na chamada Era do Rádio, comandando programas radiofônicos e compondo canções ufanistas como “Aquarela do Brasil”. Ela viria a se tornar praticamente um hino. Além de Ary, ganhavam destaque João de Barro (Braguinha), Agenor de Oliveira (Cartola), Nelson Cavaquinho, Clementina de Jesus, Elizeth Cardoso, Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra, Beth Carvalho, Clara Nunes e muitos outros.

**O lugar merecido**

Em 1963, a crescente penetração do samba na cultura nacional levou o governo do então presidente



O uso prioritário de percussão no samba é uma herança preservada africana



A simplicidade dos instrumentos denota as condições humildes do estilo

mes do samba, que transformaram o gênero e o espalharam pelo Brasil com os variados sotaques nacionais. Pixinguinha, que vinha do chorinho, flertou como samba. Junto com ele, vieram Ataulfo Alves, Heitor dos Prazeres, Ismael Silva, Wilson Batista, Sinhô, entre muitos outros.

Getúlio liberou a capoeira e a prática de religiões de origem africana e, com isso, foi criando um ambiente propício à solidificação de nossa formação nacional. Nesse tempo, o Brasil ainda era eminentemente rural, mas iniciava um processo de urbanização inevitável com o processo de industrialização que engatinhava.

Os temas urbanos começavam a cair no samba,

João Goulart a estabelecer o Dia Nacional do Samba, instituído em 2 de dezembro justamente para homenagear Ary Barroso.

Como o Brasil é um verdadeiro continente, o gênero ganhou projeção sob sotaques diferentes. Compositores como Dorival Caymmi, Batatinha e Riachão se destacaram na Bahia; Lupicínio Rodrigues, no Rio Grande do Sul; Adoniran Barbosa, Paulo Vanzolini e Geraldo Filme em São Paulo. O ritmo ganhou penetração popular e notoriedade, mas não conquistou as páginas da mídia comercial e muito menos dos setores da elite, que ainda o vê como expressão cultural inferior justamente por sua origem popular e a sua matriz africana.

Nomes como Martinho da Vila, sua filha Mart'nália, Paulinho da Viola, Elton Medeiros, João Nogueira, Silas de Oliveira e Wilson Moreira lentamente integraram os imortais do gênero. Souza realça a figura de Paulo da Portela, compositor carioca, como um dos nomes mais emblemáticos do samba, pela capacidade de "sistematização do ritmo". Citou também o Zicartola, bar de Cartola e sua companheira Zica, como importante ponto de encontro de grandes músicos.

Com o desenvolvimento da arte, foram surgindo os sotaques regionais nas batidas do ritmo em cada unidade da federação nacional. A arte influenciou também o principal movimento de renovação da música popular brasileira, a bossa nova. "Vinicius de Moraes, Tom Jobim e outros também subiram o morro para beber na fonte da cultura popular e criar um ritmo novo genial, com uma nova maneira de tocar e cantar com João Gilberto", con-



Três grandes mestres: Clementina de Jesus, Pixinguinha e João da Baiana

tou o estudioso. "A bossa nova, influenciada pelo jazz e pelo samba, projetou o Brasil lá fora e passou a influenciar o jazz, com o novo som feito por Tom Jobim".

Na década de 60, vieram os festivais e surgiram Candeia, Sérgio Ricardo, Geraldo Vandré, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Gonzaguinha, muito influenciados pela bossa nova e pelo samba de raiz. Por causa desses novos músicos, surgiu o gênero MPB. "Não sabiam como classificar a música deles". Mas "uma coisa é certa", disse, "todos foram influenciados pelo samba".

O samba completa 100 anos cantando a alma do Brasil. Leci Brandão resume o sentimento: "a cultura e a arte de um povo traduzem a essência desse povo. Portanto, se o Brasil não tivesse samba, não seria o Brasil como o conhecemos".



## Entrevista com Leci Brandão

### 1) O que seria do Brasil sem o samba?

Não consigo imaginar. Cada povo se expressa do modo que vê e sente a realidade. A cultura e a arte de um povo traduz a essência desse povo. Se o Brasil não tivesse samba, não seria o Brasil como o conhecemos.

### 2) O samba traduz o sentimento popular?

O samba nasceu no meio do povo. Ele nasceu a partir da cultura do povo negro que veio para cá escravizado. Após a Abolição, esse povo foi viver nas periferias pobres das nossas cidades. Ou seja, o samba falava da realidade e do cotidiano do povo que fazia o samba. Falava dos anseios, dos amores e das dores da nossa gente. Era um processo natural. O artista transforma em poesia e arte a realidade que vê, vive e sente. Hoje eu acredito que quem está falando dessa realidade é a moçada do rap, do hip hop.

### 3) O samba enfrentou grande perseguição e preconceito desde sua criação pelos escravos. Como essa experiência afetou as mulheres sambistas?

Como tudo o que está relacionado à população negra e à nossa cultura, o samba foi muito perseguido e discriminado ao longo de sua história. O mesmo aconteceu com o candomblé, com a capoeira e com todas as manifestações de origem negra em nosso país. Apesar de ter havido mudanças, a discriminação contra o nosso povo continua e com a nossa cultura também. Para as cantoras e compositoras negras, o mercado sempre foi e continua a ser mais difícil. Temos grandes artistas de um talento incrível, mas é só olhar a história de vida e as dificuldades que elas enfrentaram para alcançar o patamar em que estão hoje para percebermos o quanto foi e é mais difícil. Nós vivemos em uma sociedade dominada pelo machismo, e no samba não é diferente.

# Sindicato dos Comerciários do Rio

1 ano da gestão  
A Hora da Mudança



- + diálogo > diretores presentes na base como nunca e mais de 4 mil comerciários atendidos por mês pelo WhatsApp e Facebook
- + pressão > Aumento de 300% na apuração de denúncias
- + vitórias > Aumento real de salários e muitas outras conquistas na 1ª Campanha Salarial em mais de 50 anos!

**Agora a luta é pra valer!**

[www.comerciariosrio.org.br](http://www.comerciariosrio.org.br)

 /ComerciariosRJ

 (21) 96697-5260



**SINDICATO DOS  
COMERCIÁRIOS  
DO RIO**

Filiado à



# Cultura Afro

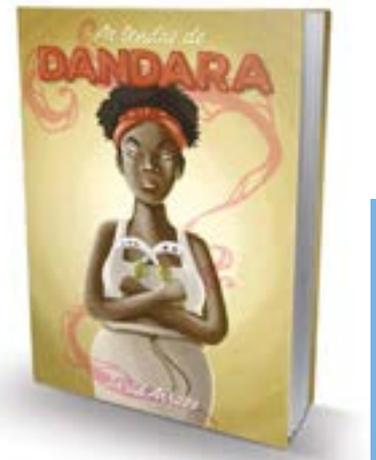
A partir desta edição, a *Rebele-se* inaugura sua coluna de dicas culturais. Começamos com indicações de leitura de escritoras negras e filmes que tratam da questão racial. Na atual conjuntura, tornou-se essencial ressaltar a qualidade da literatura produzida por grandes escritoras negras – tão desprezadas pela elite, mas com igual ou maior valor do que muitos escritos badalados pela mídia comercial.

## “Vozes Marginais da Literatura”, de Érica Peçanha do Nascimento



A antropóloga Érica Peçanha do Nascimento desmonta o mito de que os moradores da periferia não pensam seus problemas. Em “Vozes Marginais da Literatura”, ela traça um perfil da periferia paulistana.

“Assume-se uma identidade periférica no sentido de reverter esse estigma, dar outro significado a ele, de ter orgulho de ter sido criado neste território, ter orgulho de dar voz a outras pessoas”, disse a autora ao *Brasil de Fato*.

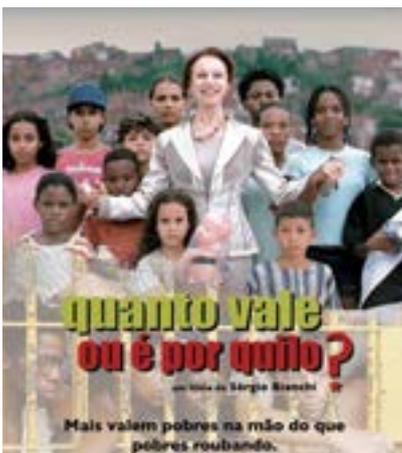


## “As Lendas de Dandara”, de Jarid Arraes

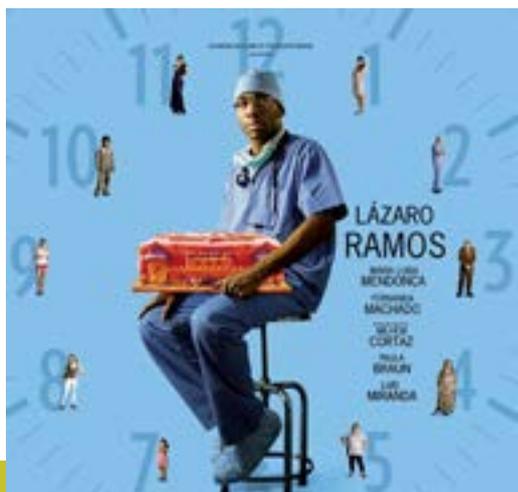
“Me considero tão representante quanto todas as outras mulheres negras que estão na labuta do cotidiano e se expressam pela escrita, pelas artes”, disse Arraes ao Afreaka.

Com toda a humildade, a escritora cearense fala de Dandara, a companheira de Zumbi dos Palmares. O livro pode ser encomendado pelo site: [aslendasdedandara.com.br](http://aslendasdedandara.com.br).

## “Quanto Vale ou É Por Quilo?”, de Sérgio Bianchi



A obra de 2005 traça um paralelo entre a escravidão e a contemporaneidade. No Brasil Colônia, um capitão do mato entrega ao senhor uma escrava grávida que havia fugido. No século XXI, uma funcionária de uma ONG que propõe inclusão digital descobre ilícitos e passa a ser perseguida pelos patrocinadores da entidade.



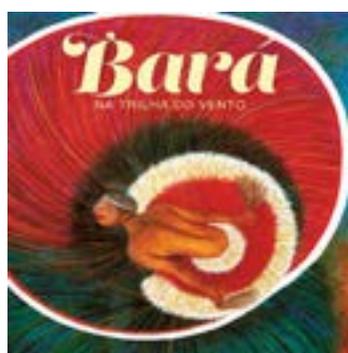
## “Amanhã Nunca Mais”, de Tadeu Jungle

A obra de estreia de Tadeu Jungle aborda as transformações ocorridas no Brasil nos últimos anos. Trata de acontecimentos corriqueiros como crise conjugal, racismo, assédio moral no trabalho e exploração do trabalho alienado. Protagonista, um médico anestesista negro, sofre pressão no trabalho e enfrenta dificuldade justamente por ser negro, evidenciando o racismo brasileiro como tema central da obra.



## “Que Horas Ela Volta?”, de Anna Muylaert

Com muito sucesso, o filme mostra um país em transformação, onde a filha da empregada doméstica vem a São Paulo cursar a universidade mais prestigiosa do país. Não acostumada a andar de cabeça baixa, a menina fica revoltada com a submissão de sua mãe. A temática da relação de empregadas domésticas com seus patrões, acostumados ao sistema quase escravocrata, torna o filme de Anna contemporâneo, principalmente com os acontecimentos políticos traumáticos recentes no Brasil. O filme teve recepção espetacular pelos críticos de todo o mundo, que o consideraram “uma crítica suave e ponderada sobre a transformação social dramática do Brasil no século XXI”. Entre suas mais de 20 indicações e 12 premiações internacionais, o filme brilhou em eventos como o Festival de Sundance, o Festival de Berlim e o *Critics Choice Awards*, tornando-se uma das obras brasileiras mais reconhecidas de todos os tempos.



## “Bará na Trilha do Vento”, de Miriam Alves

Esse é o primeiro romance de Miriam Alves, em que ela fala de ancestralidade negra, de sincretismos religiosos e das dificuldades enfrentadas pela família da protagonista. Encomandas pelo e-mail: [equipemiriamalves@yahoo.com.br](mailto:equipemiriamalves@yahoo.com.br). “Tenho certeza que não parto do marco zero. Porque nascer no Brasil e ser negra é herdar toda uma história. A inversão oficial cobre as próprias culpas e indulgência”.



## BRASIL PODE DAR EXEMPLO DE HUMANISMO COM NOVA LEI DE MIGRAÇÃO

Joanne Mota

**Ao priorizar os direitos humanos e a dignidade, nova lei da imigração trará mais proteção e dignidade para estrangeiros que escolhem viver no Brasil**

De acordo com o Ministério da Justiça, o número de imigrantes que solicitam o visto de permanência no Brasil dobrou em quatro anos, chegando a 30 mil pedidos anuais. Em 2010, eram 15 mil. Do Haiti, chegaram ao Brasil mais de 7 mil pessoas apenas pelo Acre.

Já a agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados indica que, entre 2010 e 2014, o número de novos refugiados no país cresceu 1.255%. Nesse universo, de acordo com a Polícia Federal, 39 mil são haitianos que ingressaram no Brasil depois do terremoto que devastou o país.

A comissão especial da Câmara dos Deputados que analisava desde 2015 o projeto para a nova Lei de Migrações (PL 2516/15) aprovou no início de julho o relatório do deputado Orlando Silva (PCdoB - SP) favorável ao texto. A proposta segue em regime de prioridade para votação no plenário e, se aprovada, volta ao Senado, onde se originou. O projeto, redigido pelo senador Aloysio Nunes (PSDB-SP), substituiu o Estatuto do Estrangeiro de 1980, criado pela ditadura militar sob uma intensa orientação xenofóbica. Ele abandona essa perspectiva e institui os direitos humanos como princípio norteador da política migratória nacional. Na prática, a mudança acaba também com muitas das restrições aos direitos dos migrantes, como a proibição de participarem de manifestações políticas e as limitações na concessão de vistos humanitários, hoje aplicados apenas a haitianos e sírios. Depois da votação, seis organizações que trabalham com o tema divulgaram nota pública saudando a aprovação, mas alertando para tentativas de enfraquecer o texto.

A proposta aprovada pelos deputados é mais incisiva do que o texto que veio do Senado na defesa da igualdade dos migrantes. Uma mudança importante é que, caso a proposta seja definitivamente aprovada e sancionada, nenhum migrante poderá ser criminalizado por estar em situação irregular.

Boa parte das vitórias é fruto do trabalho do relator da Comissão na Câmara dos Deputados, Orlando Silva (PCdoB - SP). Para ele, “a ordem do mundo globalizado é a da livre circulação de mercadorias”, mas, ainda há resistências quanto ao tratamento dado às pessoas. “O que existe é um projeto incompleto. Da mesma

cultural baseada, em grande parte, pelas levas de imigrantes que recebemos desde a época do descobrimento. “Nossa expectativa é que o Brasil se torne referência quando o assunto for migração”, afirmou.

### Terra em transe

A segunda década do século XXI testemunhou a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. Conflitos de guerra e crise econômica são motivos que pioram a atual crise. Um relatório da Organização Internacional para as Migrações (OIM) aponta que há 232 milhões de migrantes internacionais e 740 milhões de migrantes internos no mundo.



Manifestantes de dezenas de associações de imigração e Direitos Humanos participam de sessão da comissão da Lei de Migrações

**“Paz não rima com opressão, com injustiça, com a falta de direitos dos povos, e nem com a falta de soberania!”**

Socorro Gomes, presidenta do Conselho Mundial da Paz

forma como se defende a livre circulação comercial, deve a haver o direito da livre circulação de pessoas e, sobretudo, a valorização e o bom acolhimento dessas”, disse. Ele considera preocupante a tendência de certos parlamentares que tentam retomar o viés nacionalista estabelecido pelo Estatuto do Estrangeiro.

Ele lembrou que o Brasil tem sua formação socio-

Diante disso, a presidenta do Conselho Mundial da Paz, Socorro Gomes, alertou sobre esse cenário e lembrou que essa crise tem sua origem no plano estratégico de ocupação do mundo por parte das nações imperialistas. “As ofensivas, invasões e agressões lançadas pelas nações imperialistas, e com maior expressão para os EUA, têm desestabilizado ou destruído países inteiros”, disse.

Ela lembrou que “sob o pretexto de promover a segurança internacional e uma ação humanitária”, o imperialismo colocou neste período uma situação de risco de deslocamento ou refúgio para milhões de pessoas, que têm “pouca esperança de ver seus países de origem recuperados”. Para Socorro, portanto, permanece no cerne da luta “a necessidade de dar continuidade e avançar na luta pela paz e contra as guerras”.

### Brasil sai na frente

Para João Guilherme Granja, diretor do Departamento de Estrangeiros do Ministério da Justiça, nunca se foi tão longe com uma nova proposta de Lei de Migração, nem se propôs algo tão avançado. “Estamos diante de uma proposta que tem sua estrutura no reconhecimento de direitos, no acolhimento e no fim da criminalização. A nova norma deve ainda garantir mecanismos transparentes e desburocratizados, sobretudo no que se refere à regularização documental do migrante e sua inserção no mercado de trabalho”, afirmou Granja.

Com a proposta, o Brasil deve se reposicionar diante do cenário de crise. “Temos que ter uma lei que permita, por um lado, combater qualquer tipo de xenofobia, intolerância e preconceito, e por outro, que favoreça as trocas de conhecimento, a criatividade e o desenvolvimento do nosso país”, avaliou a presidenta do Conselho Mundial da Paz.

### Mercado de Trabalho

A situação dos imigrantes no Brasil não é segura, dado que as condições impostas pelo Estatuto do Estrangeiro atual praticamente tolhem a possibilidade de trabalho no país. A falta de autorização favorece a precarização das relações laborais dos imigrantes e a atuação de grupos criminosos que lucram com a intermediação ilegal desta mão de obra.



O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) é responsável pelo relatório

Cyntia Sampaio, representante da OIT que participou do debate, destaca que a nova norma deverá deixar claro os critérios para as condições de igualdade nas condições de trabalho, tais como: remuneração, abonos, férias, jornada de trabalho, liberdade de associação e o direito à negociação coletiva, seguridade social e acesso à Justiça.

“Estamos empenhados em avançar, não é concebível que a migração seja tratada como caso de polícia – só assim faremos jus ao sentido de humanidade com que procuramos nos identificar”, concluiu.



A proliferação dos campos de refugiados pelo mundo, e em particular no Oriente Médio, torna urgente uma proposta que defenda os direitos dessas populações



# OS PANTERAS NEGRAS E A REBELIÃO NEGRA NOS EUA DOS ANOS 60

Dennis de Oliveira

**Na luta contra o racismo no país mais rico do mundo, parte do movimento decidiu lutar contra o sistema**

Os Estados Unidos viviam nos anos 1960 um contexto social singular. Uma geração de jovens aproveitou a expansão econômica do país no pós-guerra, e a população negra dos EUA começou a reivindicar seus direitos negados, inconformada com o próprio sofrimento. Esta luta se iniciou com o conhecido protesto de Rosa Parks, que em 1955 recusou-se a obedecer à lei racista dos transportes públicos. Este protesto, simbolicamente, é o ponto de partida da luta pelos direitos civis, que teve em Martin Luther King o seu grande líder.

Apesar dos avanços, uma parcela da militância negra foi percebendo que a mudança de leis e os protestos pacíficos não eram suficientes para a mudança do cenário de racismo. Por isto, migraram para uma outra perspectiva de luta que, em determinados casos, pregava a violência como autodefesa. Surgiu daí uma nova liderança do movimento negro, Malcolm X.

Em 1965, ele construiu a Organização da Unidade Afro-americana. Passou a articular a luta contra o racismo com a luta contra o capitalismo. Os três pilares eram o internacionalismo da luta contra o racismo, a autodeterminação do povo negro e a luta pelo poder

negro (o Black Power). Estas perspectivas formaram a base de uma das organizações mais importantes do movimento negro: o Partido dos Panteras Negras.

A proximidade com o Partido Comunista era grande. Uma das lideranças do BPP foi a professora Ângela Davis, que foi candidata a vice-presidenta da República pelo Partido Comunista em 1980 e 1984. A disposição para o enfrentamento sistêmico que este partido negro demonstrava assustava o poder estadunidense. Com posturas tão ativistas, o partido foi considerado uma ameaça ao governo estadunidense, que deslocou toda sua estrutura de segurança para dizimá-lo.

Mesmo após ter sido desmantelado, a história deste período e dos Panteras Negras tem sido depreciada. A repressão intensa àquela experiência de organização demonstra que a maior radicalidade na luta antirracista aparece quando ela consegue articular as dimensões de raça e de classe, em uma perspectiva de conquista de poder.

Dennis de Oliveira é professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e coordenador da Comissão Política da Quilombação da Rede de Ativistas Antirracistas



## A AGONIA DO SETOR NAVAL

Sindicato dos Metalúrgicos do Rio

**Crise política e econômica afetam diretamente a indústria naval, provocando fechamento de estaleiros e demissões em massa**

A eleição de Lula em 2002 trouxe novas expectativas para os metalúrgicos da indústria naval. O setor praticamente fechou durante o período Fernando Henrique Cardoso, que no A eleição de Lula em 2002 trouxe novas expectativas para os metalúrgicos da indústria naval. O setor praticamente fechou durante o período Fernando Henrique Cardoso, que tinha como política estratégica a contratação de navios e obras nos estaleiros estrangeiros. A partir de 2003 essa política foi alterada, principalmente com a descoberta posterior do pré-sal.

A indústria naval tomou novo fôlego com a decisão de construir navios, plataformas, sondas e outros itens no Brasil. Novos estaleiros foram criados, espalhando essa indústria por outros estados. O programa de investimento da Petrobrás era a garantia de sucesso do setor, e o Plano de Negócios da estatal previa a construção de dezenas de plataformas, petroleiros e sondas.

A retomada do setor, porém, não durou muito. A crise econômica e os escândalos de corrupção do governo e dos empresários prejudicaram seu crescimento contínuo. A Lava Jato fez com que novos investimentos e obras não tivessem andamento. A consequência é o fechamento de milhares de postos de trabalho. Essa situação se reflete ainda em outros segmentos da indústria, que fornece equipamentos e peças para a Petrobrás. A Transpetro reduziu suas encomendas e a Sete Brasil deixou de pagar aos estaleiros e entrou em recuperação judicial.

Para alterar esse quadro, aguarda-se que o Congresso Nacional aprove o acordo de leniência, dando a oportunidade à empresa envolvida em algum tipo de ilegalidade de auxiliar na investigação e, com isso, receber benefícios, como redução de pena e a possibilidade de voltar a atuar no mercado. É importante separar as empresas dos responsáveis por ela. Esses sim devem ser alvo de averiguação e, se for o caso, punido com o rigor da justiça. As empresas precisam continuar produzindo e gerando emprego.

A presidenta eleita Dilma Rousseff, antes de ser afastada, chegou a mencionar essa diferença em discurso. Ela disse: "nós devemos punir as pessoas e não destruir

**Nós temos de fechar as portas para a corrupção. Nós não podemos, de maneira alguma, fechar as portas para o crescimento, o progresso e o emprego”**

Dilma Rousseff, presidenta eleita do Brasil

as empresas. Nós temos que saber punir o crime, mas temos que saber fazer isso sem prejudicar a economia. Nós temos de fechar as portas para a corrupção. Nós não podemos, de maneira alguma, fechar as portas para o crescimento, o progresso e o emprego”.

### Potencial do Rio de Janeiro

Nessa crise que toma conta do país, o Rio de Janeiro – berço do setor naval – foi fortemente atingido, já que o estado era o que mais emprega nos estaleiros do Rio, Angra dos Reis, Niterói e outros. Em 2003, o Rio já era um local privilegiado, reunindo grandes estaleiros, mão de obra qualificada e a cadeia industrial necessária. Porém, hoje a realidade é de desânimo. Entre 2015 e 2016, mais de 20 mil metalúrgicos foram demitidos. Só no Rio de Janeiro, os estaleiros Rio Nave, Sermetal e Eisa (Ilha do Governador) foram fechados, e o estaleiro Enseada (Caju) também já anunciou que deve fechar as portas. Em Niterói, o Eisa Petro Um encerrou os serviços. No Brasfels, em Angra dos Reis, o pavor das demissões é permanente, e em outros estaleiros a situação não é diferente.

As dispensas provocaram um clima de incerteza. A manutenção do emprego depende de novas encomendas, e o desemprego na categoria tem feito com que os trabalhadores procurem outros meios de vida. Para piorar, muitos estão sendo dispensados sem receber todas as verbas rescisórias.

É nesse cenário que o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro tem atuado para garantir o emprego e os direitos sociais de todos. Várias ações estão na justiça, que infelizmente não age com a necessária rapidez e eficácia. O Sindicato também tem cobrado das empreiteiras que atuam dentro dos estaleiros a volta das obras e a recontração dos ex-funcionários. Para o presidente do Sindimetal-Rio, Jesus Cardoso, “é preciso buscar

com as empresas acordos para a volta do serviço nos estaleiros, garantindo a recondução de milhares de metalúrgicos ao trabalho”. “Nossa luta é para garantir os direitos de todos”, finaliza Jesus Cardoso.

Para o sindicato, está claro que para um possível novo renascimento da indústria naval será necessário retomar os investimentos, principalmente a partir da Petrobrás, que é a alavanca principal para o setor naval e tudo o que está em volta dele. Só assim o Brasil vai contar novamente com uma indústria pujante. A política de conteúdo nacional é estratégica para o Brasil, e precisa não apenas ser mantida, como também ampliada e aprimorada. É um instrumento do qual o Brasil não pode prescindir, pois fomenta a indústria naval e as novas indústrias de navieças, sem falar em toda cadeia de fornecedores.

Assim foi a experiência de diversos países, como Coreia do Sul, China, Japão e Estados Unidos – todas com larga participação estatal. Deixar de garantir o conteúdo nacional não fará o Brasil crescer, não desenvolverá nossa tecnologia e não vai gerar empregos de qualidade.



Metalúrgicos do RJ: marcha contra demissões e em defesa da Petrobras

# O HIP HOP me ajudou a sobreviver

Flávio Renegado

"Vamos tomar de volta os assentos do avião  
Os pobres não voarão, vão voltar de ônibus  
Democracia voltará a ser direito de fachada  
Diploma? Não é pra filha da empregada!  
Lincharemos Duvivier e suas piadas  
Por aqui, não legalizaremos nada  
Feminismo, machismo, algo bem sugestivo  
Nada de casamento homoafetivo  
Enganaremos a fome de toda a população  
Gladiadores no octógono arrastão multidão  
Viveremos uma eterna desnutrição  
Tornaremos anêmica a educação"

"Pão e Circo", do álbum *Outono Selvagem*



A juventude negra vive uma guerra civil dentro do Brasil. Por dia, são 62 jovens negros que não conhecerão o próprio futuro. São números de uma guerra civil, que a gente não pode tolerar enquanto sociedade! Já passou da hora de se mobilizar! A morte no Brasil tem cor.

Eu sou um sobrevivente, como outros. Vim de uma comunidade da periferia da periferia, e vi meus amigos de infância - os que não morreram - serem presos. Sobrevivi pela arte, pela cultura, pelo rap, e estou aqui para me contrapor a esse projeto escravocrata que até hoje perpetua um verdadeiro controle populacional contra a juventude negra. O colonizador e o capitalista pensam assim: os menos favorecidos são também descartáveis.

O hip hop foi a minha escola de entendimento da cultura popular afro-brasileira. Como dizem, o rap é a música da verdade, nós somos os cronistas. A cultura se faz necessária no combate à violência contra a juventude negra porque ela é informativa, é comunicativa, traz o debate para um lugar em que ninguém discute.

Eu vejo no meu público a resposta de um povo que acorda para a identidade. Eles se veem representados pelo que eu canto. Com o tempo, o público vai se ampliando, aparecem crianças, jovens, pretos, brancos,

favelados, zona sul, e acaba todo mundo junto.

No meu álbum mais recente, *Outono Selvagem*, fiz o tempo todo um paralelo entre a questão racial com a social. A faixa que abre o disco, *Black Star*, é justamente um grito de liberdade, uma invocação dos nossos ancestrais para nos inspirar na batalha, como eles batalharam. Em outra faixa, chamada *Pão e Circo*, faço um reflexo do terremoto político que vivemos, levando para a rua a leitura da conjuntura política. Ela me auxilia na cobrança mais importante: o retorno da democracia ao nosso país. Não tenho medo de dizer que a nossa democracia não pode acabar nunca.

A repressão não pode ganhar espaço. A liberdade de expressão exige o nosso posicionamento, não dá pra passar batido, e o movimento negro hoje não pode ficar fechado, ele se organiza em vários lugares. Seja no rap, seja dentro dos movimentos sociais, com a luta da mulher, da mulher negra, do movimento estudantil, ele deve incorporar todos pela libertação, porque muitas vezes a luta dos outros é nossa também. Não devemos silenciar!

Flávio Renegado é cantor e compositor de rap, funk, hip hop, samba, mpb e reggae



# Sintaema

FILIADO À



SINDICATO DOS TRABALHADORES EM ÁGUA, ESGOTO E MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO

## 20 DE NOVEMBRO

### DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Dia de manifestar apoio às bandeiras de luta do movimento negro brasileiro e se colocar como um instrumento de combate ao racismo.



**Contra o  
Racismo, Preconceito,  
Discriminação e Xenofobia**

**Juntos na Luta!**



**Dama Favela**

Artista: **Grupo OPNI**

Ano: **2011**

Localização: **Vitório Zaim, 120 - Vila Flávia - São Mateus  
São Paulo - SP**

Inspirado nas mulheres guerreiras que lutam todos os dias para buscar sempre o melhor para os seus, sem que percam a graça e a leveza da mulher.

O graffiti integra o projeto Favela Galeria, uma coleção de mais de 150 obras a céu aberto na zona leste de São Paulo, e vencedor do prêmio Governador para a Cultura 2014 na categoria Territórios Culturais.